



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Programa Desenrola é lançado oficialmente a partir de hoje

O Ministério da Fazenda lançou oficialmente a partir de hoje, em parceria com o setor bancário, o programa Desenrola Brasil, que cria condições especiais para a renegociação de dívidas de aproximadamente 70 milhões de pessoas. Neste primeiro momento, será atendido o grupo da faixa 2, que inclui pessoas endividadas apenas com o sistema bancário e que possuem renda mensal menor que R\$ 20 mil. Nesta fase, os clientes poderão negociar suas dívidas diretamente com os bancos. Adicionalmente, dívidas bancárias nas IF que atuarão como agentes financeiros (aquelas com captação acima de R\$ 30 bi) de até R\$ 100 serão desnegativadas. Com o programa, o governo espera reduzir os índices de inadimplência das famílias.

A agenda de indicadores está bastante enxuta na semana, com alguns números já divulgados hoje cedo. Destaque para o resultado do índice IBC-Br, divulgado agora há pouco pelo Banco Central, que mostrou queda de 2,0% em maio, mais do que devolvendo a alta de abril (+0,81%). Ainda assim, o indicador deixou um carregamento estatístico positivo de 0,25% para o 2º trimestre, sugerindo ligeiro crescimento do PIB no período. Já a FGV divulga o Monitor do PIB na quarta (19), e, assim como o IBC-Br, também deve sinalizar algum crescimento da atividade no trimestre (embora em desaceleração).

No cenário inflacionário, a FGV já divulgou hoje cedo o índice IGP-10 de julho, que mostrou deflação de 1,10% no mês. O índice seguiu mostrando descompressão dos preços no atacado, indicando continuidade do processo de desinflação nos próximos meses. Em 12 meses, o indicador se aprofundou em campo negativo, passando de -6,31% para -7,89%. Ainda na semana, a Receita Federal deve divulgar (sem data definida) os dados da arrecadação federal de impostos de junho, que deve recuar 4,0%, em termos reais (ante jun/22), em função da queda dos tributos ligados à lucratividade das empresas.

Já a agenda internacional é mais movimentada durante a semana, com destaque para a reação dos mercados ao modesto resultado do PIB da China do 2º trimestre divulgado ontem (16) à noite, que cresceu 6,3% ante o 2T22, aquém das expectativas (+7,1%). Apesar de representar uma aceleração ante o resultado do 1T23 (+4,5%), reflete apenas a fraca base de comparação do mesmo período do ano passado quando a economia chinesa sofreu com a imposição da rígida política de Covid-zero. Por outro lado, na margem, os sinais são de perda de tração, devido ao esgotamento do efeito da reabertura econômica e problemas estruturais, especialmente no segmento imobiliário. Também ontem à noite, foram divulgados os dados de produção industrial e vendas no varejo de junho, que subiram 4,4% e 3,1% (ante jun/22), nesta ordem, reforçando os sinais de acomodação da atividade no país. Neste sentido, o mercado aguarda novas medidas de estímulo, onde o Banco Central (PBoC) pode voltar a reduzir as taxas de juros prime (1 ano e 5 anos), na quarta (19).

Nos EUA, serão conhecidos os dados de atividade (varejo e indústria) do mês de junho, na terça (18). O consenso de mercado espera um bom desempenho do varejo (+0,5% ante mai/23), enquanto a indústria deve seguir estagnada (+0,0%), reforçando a dicotomia entre os segmentos sustentados pelo consumo das famílias/mercado de trabalho (varejo/serviços), e aqueles mais impactados pela política monetária contracionista (indústria/construção). Já na quinta (19) e sexta (20) serão divulgados indicadores do setor imobiliário de junho, que devem voltar a apresentar queda, após a surpresa positiva de maio.

Ainda nos EUA, Bank of America e Morgan Stanley, na terça (18), e Goldman Sachs, na quarta (19), divulgam seus resultados do 2T23, fechando a divulgação dos principais players do setor no país. Até o momento, os bancos que já divulgaram os seus resultados mostraram números positivos, sustentados pelo aumento das taxas de juros, migração dos depósitos dos bancos menores para os grandes (contendo o aumento do custo de captação) e sem grande piora da inadimplência.

Por fim, na Zona do Euro, destaque para a leitura final da inflação ao consumidor (CPI) de junho na quarta (19), que deve desacelerar para uma alta de 5,5% em 12 meses (ante 6,1% em maio), sustentada pela queda do preço da energia.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
17/jul	FGV: IGP-10	Jul/23	-1,04% m/m -7,82% a/a	-2,20% m/m -6,31% a/a
17/jul	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Mai/23	-0,1% m/m 4,0% a/a	0,6% m/m 3,3% a/a
19/jul	FGV: Monitor do PIB	Mai/23	-	-1,2% m/m 3,0% a/a
20/jul	Reunião CMN	-	-	-
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Jun/23	-4,0% a/a	2,9% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
16/jul	China	PIB	2º tri/2023	7,1% a/a	4,5% a/a
16/jul	China	Produção Industrial	Jun/23	2,5% a/a	3,5% a/a
16/jul	China	Vendas no Varejo	Jun/23	3,3% a/a	12,7% a/a
18/jul	EUA	Vendas no Varejo	Jun/23	0,5% m/m	0,3% m/m
18/jul	EUA	Produção Industrial	Jun/23	0,0% m/m	-0,2% m/m
19/jul	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jun/23 – final	5,5% a/a	6,1% a/a
19/jul	EUA	Construção de casas novas	Jun/23	-9,6% m/m	21,7% m/m
19/jul	EUA	Alvarás para novas construções	Jun/23	-0,4% m/m	5,6% m/m
19/jul	China	Taxas Prime de 1 ano e 5 anos	Jul/23	3,55% aa / 4,20% aa	3,55% aa / 4,20% aa
20/jul	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Jul/23 – prévia	-15,8 pts	-16,1 pts
20/jul	EUA	Vendas de casas existentes	Jun/23	-2,2% m/m	0,2% m/m

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

IPCA de junho reduz apostas em queda de 0,5 pp da taxa Selic em agosto

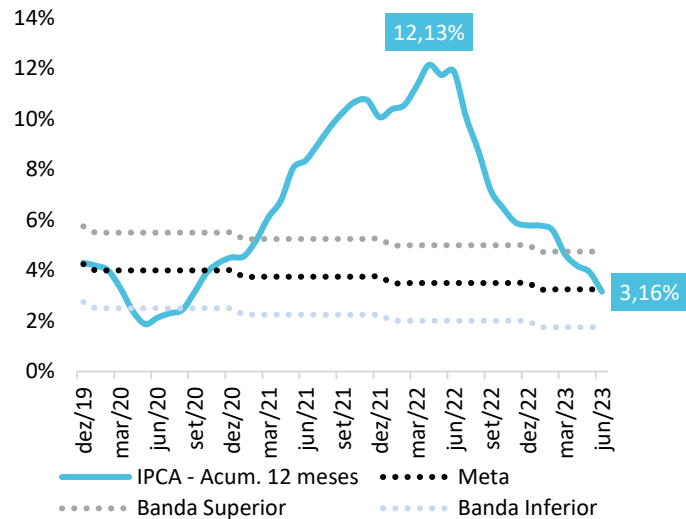
O IPCA caiu 0,08% em junho, registrando a primeira deflação em 10 meses. O resultado ficou em linha com o esperado, mas mostrou uma inflação de serviços e medidas de núcleo ainda pressionados. Assim, embora o resultado tenha consolidado as apostas de queda da taxa Selic na próxima reunião do Copom (1 e 2 de agosto), por ora, a expectativa do consenso é de um início bastante parcimonioso do ciclo (de apenas 0,25 pp).

A deflação do mês foi puxada pelos alimentos, combustíveis e veículos. A inflação dos alimentos no domicílio passou de estabilidade (0,0%) para queda de 1,07%, com recuo disseminado dos preços dos itens *in natura*, carnes, leite e óleo, seguindo a queda dos preços no atacado. Os combustíveis recuaram pelo 3º mês seguido (-1,85% em junho) refletindo a redução dos preços promovida pela Petrobras para as refinarias. Já a deflação do automóvel novo (-2,76%) foi a principal influência de baixa no mês (-0,09 pp), capturando os efeitos do programa de descontos do governo, além de impactar o preço dos carros usados (-0,93%).

Na outra ponta, o principal impacto altista veio do grupo habitação, pressionado pelos reajustes da energia elétrica (+1,43%) e taxa de água e esgoto (+1,69%) em importantes capitais, além da alta do aluguel residencial (+0,78%) e condomínio (+1,67%). Tais aumentos, em conjunto com a alta das passagens aéreas (+10,96%) e da alimentação fora do domicílio (+0,46%), levaram a uma aceleração da inflação de serviços (de -0,06% para 0,62%) no mês.

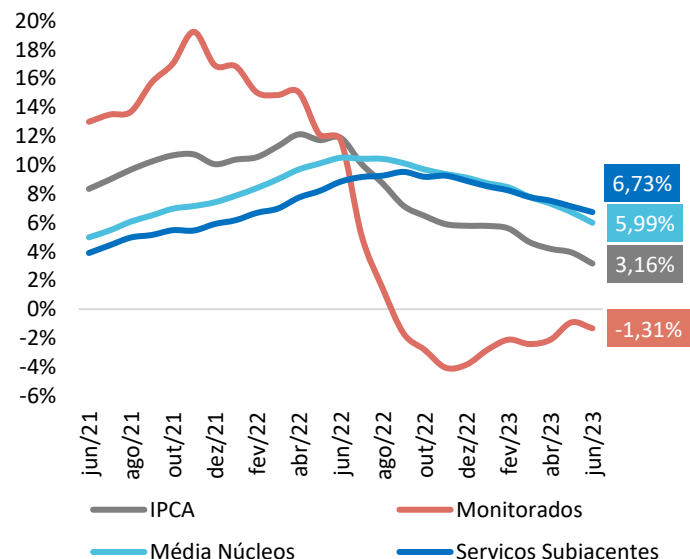
No geral, a leitura de junho mostrou continuidade do processo de desinflação, além de um processo inflacionário menos disseminado (índice de difusão ficou em 49,6%, o menor desde mai/20). Em 12 meses, o IPCA desacelerou de 3,94% para 3,16%, atingindo o menor patamar desde set/20 (3,14%). Assim, ainda que suba ao longo do 2º semestre (fechando o ano entre 4,5% e 5%), diante dos efeitos estatísticos ligados à desoneração dos combustíveis no ano passado, a melhora do cenário atual deve levar o Copom a iniciar o ciclo de flexibilização monetária em sua próxima reunião. No entanto, a percepção dos agentes é que a lenta acomodação das medidas de núcleos (de 6,73% para 5,99%), ainda bem acima da meta (3,0%), somada à resiliência dos preços dos serviços (que seguem acima de 6%), devem levar o Copom a iniciar o processo de redução dos juros de maneira cautelosa.

Quadro 1: IPCA – Var.% em 12 meses



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA e Índices Subjacentes de Inflação – Var.% em 12 meses



Fonte: IBGE

No âmbito da atividade, os indicadores setoriais divulgados pelo IBGE trouxeram sinais mistos em maio, mas ainda compatíveis com uma nova (ligeira) alta do PIB no 2º trimestre.

O setor de serviços avançou 0,9% em maio, acima do esperado pelo mercado (+0,3%). O resultado devolveu parte da queda observada em abril (-1,5%), além de mostrar um espalhamento positivo em suas aberturas, com alta em 4 das 5 atividades analisadas. Destaque para o segmento de transportes (+2,2%), que após forte recuo (-4,3%) em abril, mostrou bom desempenho no setor de terrestre de cargas (impulsionado pelo escoamento residual de safra agrícola) e aéreo (passageiros), dando a maior contribuição positiva no mês. Já os serviços prestados às famílias, de importante peso no PIB e na dinâmica inflacionária, subiram 1,1% no mês (após alta de 1,0% em abril), beneficiados pelo mercado de trabalho aquecido e reajuste do salário mínimo no mês.

No geral, o setor de serviços tem apresentado alguma oscilação, mas ainda com viés positivo. Neste sentido, o resultado de maio deixa um carregamento estatístico de 0,2% para o setor no 2T23, sugerindo a possibilidade de mais um resultado positivo para o PIB do período.

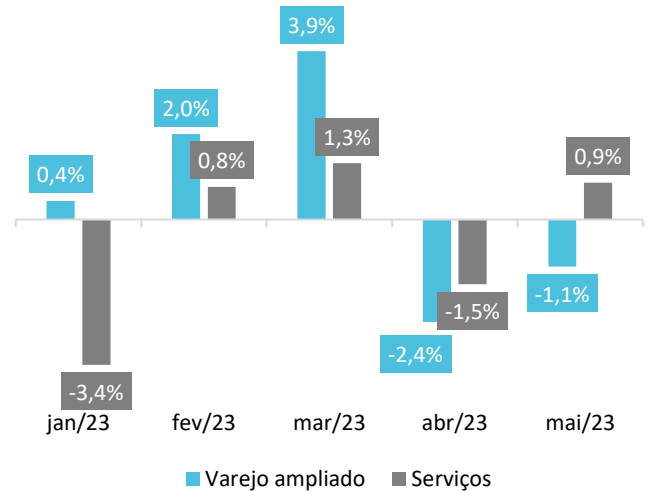
Na outra direção, as vendas no varejo ampliado voltaram a recuar em maio (-1,1%), após cair 2,4% em abril (revisado). O resultado ficou abaixo das expectativas (-0,6%) e reforçou os sinais de perda de força do setor na margem.

No mês, a surpresa negativa veio especialmente das vendas nos supermercados, com forte recuo de 3,2%, devolvendo praticamente toda a alta do mês anterior (+3,6%). Também houve recuo nas vendas de vestuário (-3,3%), outros artigos de uso pessoal/doméstico (-2,3%) e móveis/eletrodomésticos (-0,7%), penalizados tanto pelo encarecimento do crédito, como pela competição de concorrentes estrangeiros.

As vendas de veículos, por sua vez, cresceram 2,1%, impulsionada pela demanda das locadoras, mas apenas devolvendo parte da intensa queda no mês anterior (-5,6%). O desempenho modesto do segmento era esperado para o mês, diante da postergação do consumo pelas famílias, com os estímulos do programa do governo devendo ser observados no mês de junho.

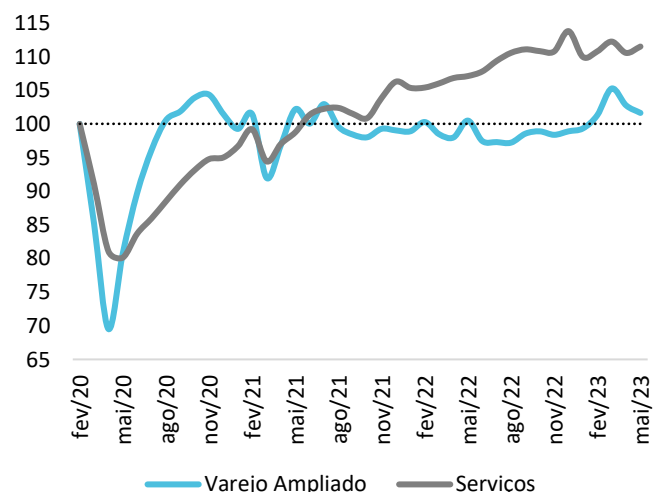
O resultado deixou um carregamento estatístico de estabilidade (0,0%) para o setor no 2º trimestre, embora seja provável que alguma alta em junho (e conseqüentemente no trimestre), puxada pelas vendas de veículos.

Quadro 3: Indicadores de Atividade – Varejo e Serviços – Var.% mensal



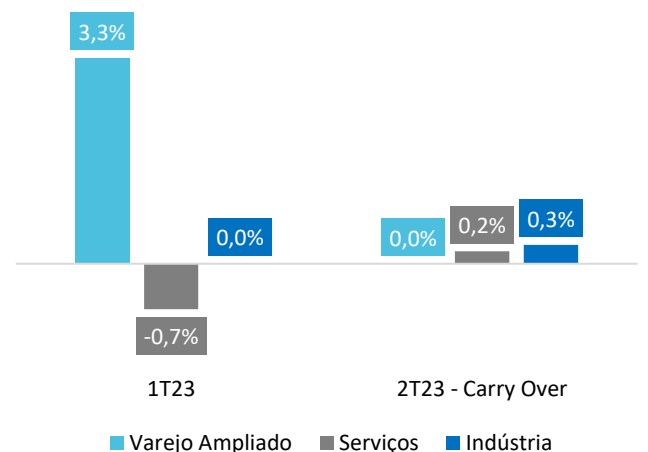
Fonte: IBGE

Quadro 4: Indicadores de Atividade – Índice com ajuste sazonal (fev/20 = base 100)



Fonte: IBGE

Quadro 5: Indicadores de Atividade – Var. % trimestral (T/T-1) e Carry Over 2T23



Fonte: IBGE

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Inflação mais fraca e resultados positivos dos bancos nos EUA animam mercados

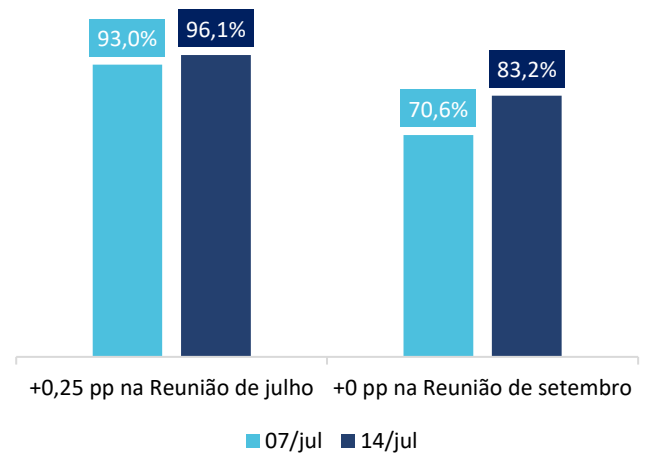
Sinais mais claros de desaceleração da inflação (CPI) nos EUA e balanços melhores do que o esperado dos principais bancos do país no 2T23 impulsionaram os ativos de risco (especialmente, as bolsas dos EUA) ao longo da última semana. O resultado do CPI não alterou a perspectiva de uma nova alta de 0,25 pp dos juros no encontro de julho (dia 26) do Fed, mas consolidou as apostas (probabilidade de 83,2% na sexta) de que esta seja a última do ciclo. Com isso, o dólar perdeu força (índice DXY) e o petróleo subiu na semana.

Os bancos superaram as expectativas dos agentes nos EUA no 2T23, reforçando que o estresse no setor não prejudicou os maiores *players*, que, em meio a um ambiente de juros maiores, elevaram suas receitas e lucros. O JP Morgan, maior deles, lucrou US\$ 14,5 bi no período (+67% ante o 2T22), contando também com bons resultados de negociações de títulos e já incluídos os efeitos líquidos da aquisição do *First Republic*, após a falência do banco regional em maio. O Wells Fargo, por sua vez, lucrou US\$ 13,2 bi (+29%), enquanto o Citi registrou US\$ 2,9 bi de lucro, queda (-36%) ante o 2T22, mas também superando as estimativas.

Quanto à inflação, o CPI norte-americano perdeu força em junho, com alta de 0,2% no mês, abaixo do esperado (+0,3%). O resultado do mês foi puxado por itens de energia, como o gás encanado (-1,7%) e óleo combustível (-0,4%), além do alívio em veículos usados (-0,5%) e transportes (+0,1%). No acumulado em 12 meses, o indicador desacelerou de 4,0% para 3,0%, liderado pela queda nos preços de energia (-16,7%). Já o núcleo do indicador subiu 0,2% no mês (ante +0,4% em mai/23) desacelerando mais do que o esperado em 12 meses (de +5,3% para +4,8%). O resultado foi entendido como um sinal de que a inflação parece estar respondendo de forma mais célere ao aperto monetário, o que justificaria o fim do ciclo após a alta final de julho. Já os preços ao produtor (PPI) reforçaram a dinâmica benigna, ao desacelerar para uma alta de apenas 0,1% em 12 meses (ante +0,9%), com o núcleo atingindo +2,4% (ante +2,6%).

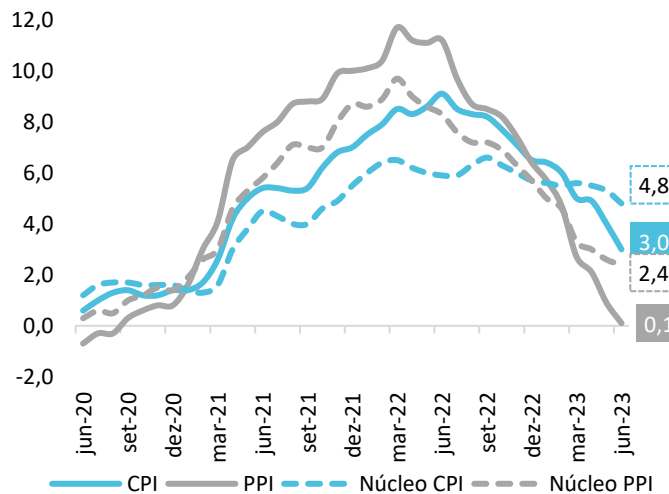
Na China, os dados de junho do setor externo voltaram a decepcionar. A desaceleração da demanda global vem prejudicando as exportações, que recuaram 12,4% (ante jun/22), abaixo do esperado (-10,0%). Na mesma direção, as importações caíram 6,8% (ante expectativa de -4,1%). Em meio à tal cenário, o banco central (PBoC) prorrogou estímulos ao setor imobiliário até 2024, visando a flexibilização de prazos dos empréstimos das incorporadoras junto aos bancos e IFs.

Quadro 6: Probabilidade para as decisões do Fed em julho e setembro



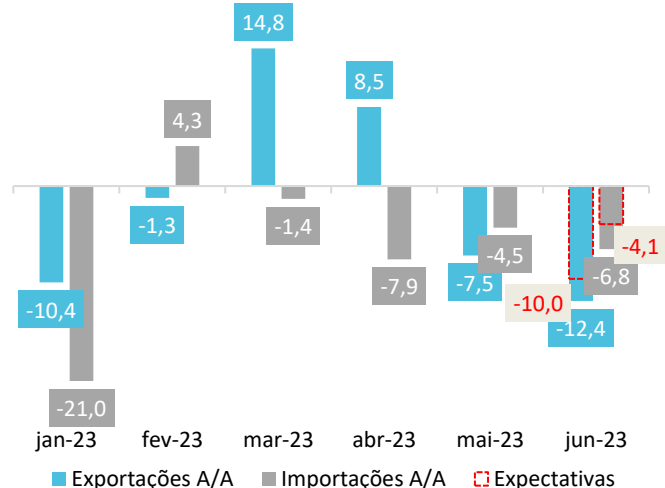
Fonte: CME Group.

Quadro 7: EUA – CPI e PPI
Var. % Acum. 12 meses



Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: China – Exportações e Importações
Var. % ante o mesmo mês do ano anterior



Fonte: Bloomberg.

Boletim do Mercado de Capitais Anbima – Jun/23

CRÉDITO / BANCOS

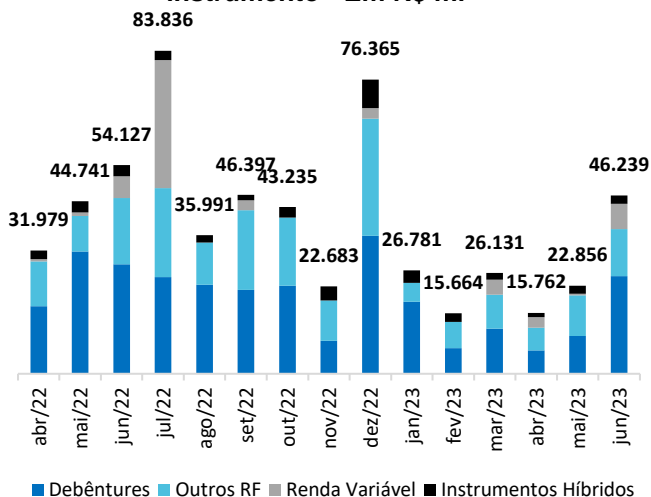
A Anbima divulgou que as emissões no mercado de capitais doméstico totalizaram R\$ 46,2 bilhões em junho, representando uma recuperação relevante (+102,3%) ante o volume de maio e em relação à média dos cinco primeiros meses do ano (+115,7%), beneficiado pela melhora do cenário econômico (aprovação do novo arcabouço fiscal e expectativa de início do ciclo de corte da Selic a partir de agosto), com respectiva queda dos juros futuros. A melhora no mês foi disseminada, com destaque para a emissão via debêntures e a retomada das operações de *follow-on* (renda variável). Porém, o número ainda seguiu abaixo do patamar de jun/22 (-14,6%), acumulando queda de 35,4% no ano.

Em junho, as emissões seguiram concentradas nos instrumentos de renda fixa (81,2% do total), com destaque para as debêntures (R\$ 25,3 bi ou 54,7% do total), cujo volume cresceu 158,2% ante maio, embora ainda pouco abaixo do dado de jun/22 (-11,0% ou R\$ 28,4 bi). No 1º semestre, o volume captado através do instrumento foi 41,5% menor que no mesmo período de 2022, em função dos números muito fracos observados entre fevereiro a maio (aumento do risco com caso Americanas/Light, entre outros). Apesar da melhora na margem, os participantes ligados à oferta (bancos) seguem absorvendo uma parcela bastante relevante das novas emissões (61,0% no 1º semestre) conforme Quadro 11, sinalizando ainda alguma dificuldade de colocação de tais títulos no mercado, dada a baixa demanda dos fundos de investimentos. Cenário similar a este foi observado apenas em 2020 (pandemia da Covid-19) nos últimos anos.

Outro destaque positivo de junho foi a retomada das operações de *follow-on* (renda variável), que registrou seu melhor mês no ano com R\$ 6,5 bi em captações decorrente de 4 operações, impulsionada pela oferta da empresa Localiza (R\$ 4,5 bi). De todo modo, ainda não houve nenhum IPO no ano. Já as emissões via demais instrumentos de renda fixa (CRAs, CRIs, FIDCs e Notas Comerciais) registraram alta de 16,0% no mês, enquanto a captação via instrumentos híbridos (FIIs e Fiagros) ficou praticamente estável no mês (+1,4%).

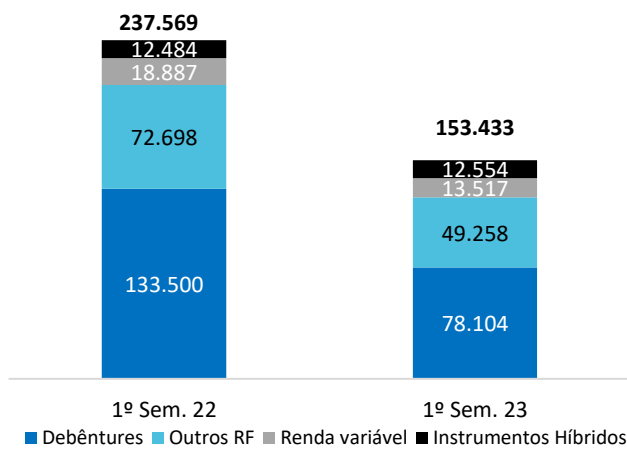
Em resumo, os dados de junho trouxeram uma melhora relevante do mercado de capitais após meses (fevereiro a maio) praticamente fechado para novas operações, embora siga em nível ainda um pouco abaixo daquele observado em 2022. De toda forma, a expectativa é que tal retomada prossiga ao longo do 2º semestre, principalmente pela dissipação das incertezas no cenário econômico e queda da taxa Selic, facilitando a colocação de títulos no mercado de capitais.

Quadro 9: Captação no Mercado de Capitais por instrumento - Em R\$ mi



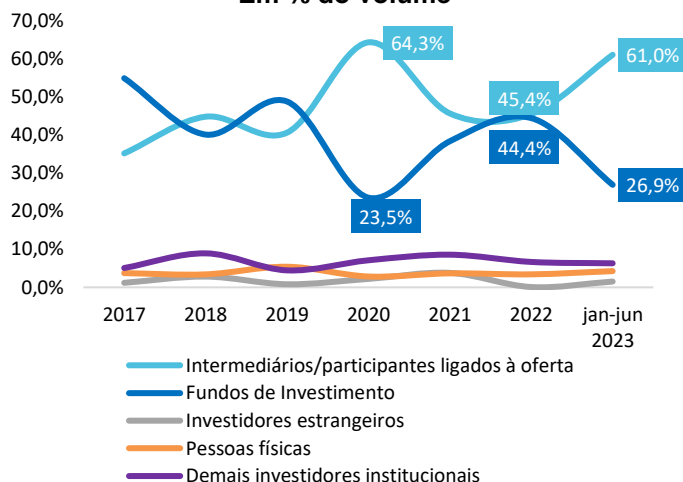
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 10: Captação no Mercado de Capitais Acum. no ano por instrumento - Em R\$ mi



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 11: Subscritores das Debêntures Em % do volume



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**The Banker
Top 1.000 World Banks 2023**

CRÉDITO / BANCOS

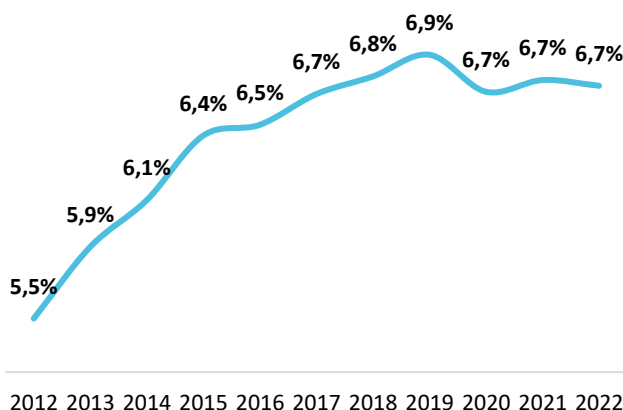
Nesta semana, dando sequência à análise das informações da revista e banco de dados The Banker (Financial Times), que traz o ranking Top 1000 World Banks 2023 com dados referentes ao ano de 2022, exploramos a métrica Capital Nível 1 / Ativos Totais, uma medida de capitalização (ou seja, solvência) e alavancagem dos bancos pertencentes à amostra. Isso porque, na [edição anterior](#) foi apresentada a informação de que o volume total de Capital Nível 1 caiu 2,1% (em US\$) em 2022. Embora tenha sido destacado que tal variação refletiu o fortalecimento do dólar (a nível global), é importante observar também o que ocorreu com o volume de Ativos, para então entender se houve alguma piora (ou não) na métrica de capitalização/alavancagem das instituições financeiras, o que poderia indicar algum aumento da fragilidade do sistema (especialmente tendo em vista os episódios recentes de falência de alguns bancos regionais dos EUA).

Neste sentido, o Quadro 12 e 13 trazem um breve resumo dos números consolidados (Capital, Ativos e Capital/Ativos) dos 1000 maiores bancos do mundo e a evolução da métrica Capital/Ativos. Observa-se que o volume de ativos dos 1000 maiores bancos do mundo atingiu US\$ 151,7 tri em 2022, também caindo (-1,6%) em relação a 2021, refletindo, em boa parte, também a questão cambial. Com isso, a razão capital/ativos ficou praticamente estável em 6,7%, não indicando uma piora dos níveis de capitalização e de alavancagem do sistema. Ainda, o índice segue bastante acima do nível mínimo (3%) de alavancagem permitido pela regra de Basileia 3.

**Quadro 12: Capital Nível 1 e Ativos Totais
Tabela Resumo**

Valores Agregados Top 1000	2021	2022	Var. 2022/21	Média de Var. 2012 a 2021
Capital Nível 1 (US\$ tri)	10,4	10,2	-2,1%	6,2%
Ativos Totais (US\$ tri)	154,2	151,7	-1,6%	3,8%
Capital / Ativos (%)	6,7%	6,7%	-0,03 pp	0,14 pp

**Quadro 13: Capital Nível 1 sobre Ativos Totais
(% por ano)**



Fonte: The Banker

Nota-se contudo, que a principal regra de solvência de Basileia 3, exige que os bancos apresentem uma métrica Capital Tier 1 / RWA (Ativos Ponderados por Risco) acima de 6% (sem considerar os buffers adicionais, de conservação, anticíclico e de importância sistêmica). Contudo, para facilitar a análise, optamos por uma métrica mais simples (Capital / Ativos Totais) para ilustrar o tema. Caso optássemos pelo RWA, o índice seria de 14,0% (para as IFs com tal informação na base), também muito acima do mínimo regulamentar.

De forma geral, a relação entre capital e ativos é uma forma de medir a capacidade da IF, ou do sistema, de absorver choques. Por sinal, a alta do índice na década de 2010 reflete o Acordo de Basileia III, que elevou os requisitos mínimos de capital na esteira da crise financeira internacional. Vale ressaltar que, apesar da regulação mínima comum que foi imposta aos países que integram o Comitê de Supervisão Bancária de Basileia (BCBS), alguns bancos centrais, incluindo o Banco Central do Brasil (BCB), optam por criar uma regulação local ainda mais rígida. Assim, dadas as regulações locais, cada instituição financeira escolhe o volume de capital que ficará “como reserva”, a depender de sua estratégia e de seu apetite por risco, gerando heterogeneidade entre as instituições. No geral, um menor volume de capital tende a representar uma estratégia mais agressiva do crescimento das operações de crédito, enquanto um maior volume tende a representar uma postura mais conservadora. Porém, sempre respeitando o limite de capital mínimo regulatório, já que a autoridade monetária, em caso de desenquadramento, teria condições regulatórias de obrigar a IF a recompor a sua base de capital. Adicionalmente, níveis de capital muito próximos aos mínimos regulatórios podem gerar alguma desconfiança por parte dos investidores, o que leva os bancos a trabalharem normalmente com alguma folga.

Analisando os dados por regiões e países (Quadro 14) é possível verificar que a variação negativa do Capital Nível 1 foi, na maioria das vezes, acompanhada por uma queda do volume dos Ativos, fazendo com que a relação entre as variáveis ficasse relativamente estável. Como exemplo, a Ásia e Pacífico viu a relação capital/ativo cair 0,2 pp, mas seguir acima da média global (7,1%). Na região, os bancos chineses permanecem bem capitalizados (7,9%), apesar da queda do índice no ano (-0,2 pp). Já o Japão tem um sistema bancário mais alavancado, com um índice de apenas 4,3%. Na Europa, as quedas dos volumes de capital (-5,9%) e ativos (-5,4%) resultaram na manutenção do coeficiente em 5,2%, patamar abaixo da média mundial, uma característica dos principais países da região.

Na América do Norte, houve leve alta do índice (+0,1 pp, para 7,1%), tanto nos EUA como no Canadá. No caso dos EUA, optamos por dividir as informações do ranking entre dois grupos: 6 maiores bancos (Ativos acima de US\$ 1 tri) e demais IFs (190 IFs). Apesar dos dados de 2022 ainda não refletirem os problemas enfrentados pelos bancos regionais no início deste ano, é interessante notar que o coeficiente de capitalização do grupo das demais IFs subiu (+0,2 pp) em 2022, tendo atingido 8,7%, não indicando sinais de deterioração no indicador para os “menores” *players* do sistema bancário norte-americano pertencentes ao ranking, ao menos até o fim de 2022.

No caso da América do Sul, houve queda (-0,1 pp) na métrica, movimento puxado pelo Brasil (-0,3 pp), porém, tanto o continente (7,7%) como os bancos brasileiros da amostra (7,2%) seguem com um índice médio superior à média global (6,7%).

Quadro 14: Ranking de Capital Nível 1, Ativos Totais e relação Capital/Ativo por Região e País

Região/País	Nº de bancos	Capital Nível 1 em US\$ bi	Var. %	Ativos Totais	Var. %	Capital/Ativos	Var. pp
Ásia e Pacífico	380	5.046,6	-2,7%	71.160,7	-0,5%	7,1%	-0,2
China	140	3.322,3	-1,6%	41.994,4	1,1%	7,9%	-0,2
Japão	82	577,6	-10,1%	13.348,1	-6,7%	4,3%	-0,2
Índia	27	213,4	7,6%	2.674,9	4,3%	8,0%	0,2
Coreia do Sul	11	207,4	-3,3%	3.207,4	0,0%	6,5%	-0,2
Europa	216	2.228,8	-5,9%	43.048,0	-5,4%	5,2%	0,0
França	6	443,3	-6,1%	10.550,2	-5,2%	4,2%	0,0
Reino Unido	26	387,3	-12,3%	8.484,9	-4,5%	4,6%	-0,4
Suíça	35	230,4	0,4%	3.313,2	-5,9%	7,0%	0,4
Espanha	14	217,8	-6,6%	4.080,0	-4,6%	5,3%	-0,1
América do Norte	212	1.988,5	1,9%	28.047,3	0,5%	7,1%	0,1
EUA	196	1.679,5	1,5%	21.847,5	-0,1%	7,7%	0,1
6 maiores	6	961,5	0,0%	13.636,7	-1,2%	7,1%	0,1
Demais	190	717,9	3,8%	8.210,8	1,8%	8,7%	0,2
Canadá	13	300,2	4,3%	6.103,7	3,1%	4,9%	0,1
Oriente Médio	64	405,7	3,0%	3.813,6	-1,4%	10,6%	0,5
América do Sul	37	183,8	12,6%	2.390,0	14,5%	7,7%	-0,1
Brasil	14	125,9	17,3%	1.758,3	22,8%	7,2%	-0,3
Chile	7	18,7	14,3%	261,0	8,5%	7,2%	0,4
Europa Leste e Central	29	180,2	2,8%	1.772,0	10,6%	10,2%	-0,8
Rússia	12	132,1	4,6%	1.265,1	15,0%	10,4%	-1,0
África	32	84,9	-18,4%	991,0	-24,6%	8,6%	0,7
África do Sul	7	40,8	-3,5%	519,4	-3,4%	7,8%	0,0
América Central	18	33,7	11,1%	310,4	15,2%	10,8%	-0,4
México	7	20,7	12,4%	182,1	21,5%	11,4%	-0,9
Ásia Central	5	7,8	31,5%	60,1	28,2%	13,0%	0,3
Caribe	7	6,8	13,7%	80,8	4,4%	8,4%	0,7
Total	1.000	10.167	-2,1%	151.674	-1,6%	6,7%	0,0

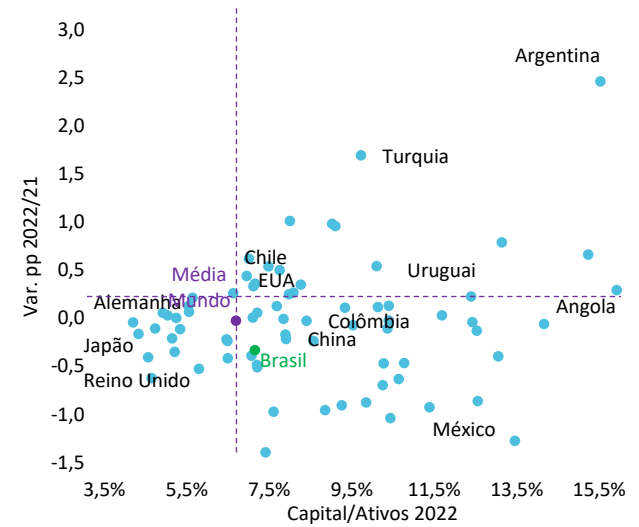
O Quadro 15 apresenta a relação capital/ativo em 2022, comparando com a variação do índice no ano por país. Foram retirados os países que possuem apenas uma IF no ranking. Como já destacado, apesar da ligeira queda do indicador (-0,3 pp), o Brasil apresenta um sistema bancário mais capitalizado e menos alavancado (7,2%) do que a média global (6,7%), ficando à direita no quadro.

Nesta análise é possível observar alguns casos ‘interessantes’, como os bancos da Argentina, cujo índice de capitalização médio subiu substancialmente em 2022 (+2,5 pp), levando os bancos do país a registrar um índice próximo a 15,5%. Embora positivo à primeira vista, na realidade, reflete a deterioração econômica do país, que resultou em um crescimento bem mais modesto do volume de ativos (+6,8%) do que do capital (+26,9%), diante das distorções causadas pela inflação (assim como na Turquia) e a redução das operações de crédito no país (desalavancagem).

Por outro lado, nota-se que alguns países relevantes, como o Reino Unido (5,0%; -0,4 pp), Japão (4,5%; -0,2 pp) e Alemanha (4,8%; -0,1 pp), que já apresentam sistemas mais alavancados do que a média global, apresentaram nova queda no indicador no ano passado, possivelmente refletindo a piora do ambiente econômico (elevação das taxas de juros e guerra da Ucrânia).

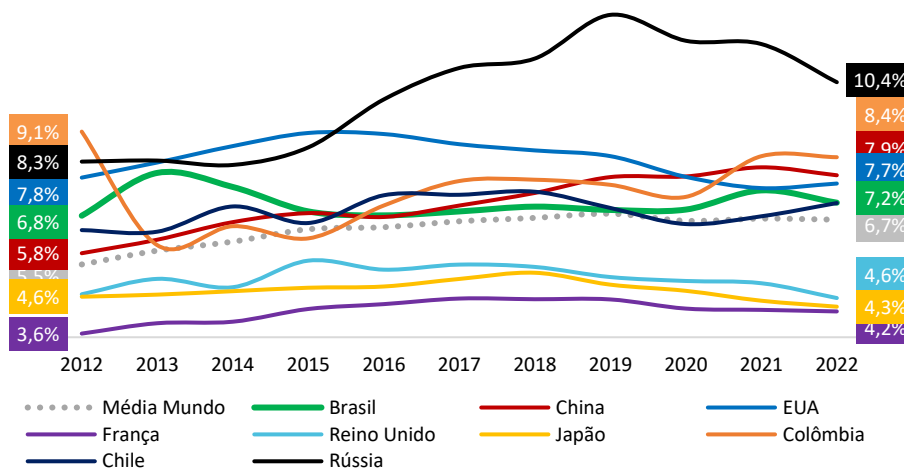
Por fim, o Quadro 16 traz a evolução da relação Capital Nível 1 e Ativos totais para alguns países selecionados da amostra. Como foi visto anteriormente, a média mundial saiu de 5,5% em 2012 para 6,7% em 2022, em todo período acima do nível mínimo exigido pelo Acordo de Basileia III, de 3%. No mesmo período, o Brasil saiu de 6,8% para os atuais 7,2%, sempre acima da média mundial, apesar da queda no último ano, sinalizando que o setor bancário do país segue bem capitalizado (inclusive em um comparativo internacional). Ainda, em geral, os países apresentados registraram estabilidade ou alguma alta do indicador ao longo do tempo, reforçando a percepção de que o setor bancário global está bem capitalizado e que a queda do volume de capital em 2022 não representou um aumento da fragilidade do sistema.

Quadro 15: Razão Capital/Ativos e Var. pp em 2022 (ante 2021) – Por país



Fonte: The Banker

Quadro 16: Evolução da razão Capital/Ativos (%) Países selecionados



Fonte: The Banker



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	14/07/23	07/07/23	16/06/23	Viés	14/07/23	07/07/23	16/06/23	Viés
IPCA (%)	4,95	4,95	5,12	↔	3,92	3,92	4,00	↔
PIB (% de crescimento)	2,24	2,19	2,14	▲	1,30	1,28	1,20	▲
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,00	12,00	12,25	↔	9,50	9,50	9,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,00	5,00	5,00	↔	5,05	5,06	5,10	▼

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	14/07/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,79	-1,71%	0,07%	-9,31%	-11,72%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	176,93	-3,27%	0,13%	-30,36%	-46,26%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,53	-0,44%	-0,89%	-0,92%	1,46%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	11,64	0,98%	-0,16%	-13,22%	-17,40%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,55	1,61%	1,50%	-16,40%	-18,97%
Índice Ibovespa (em pontos)	117.710,54	-1,00%	-0,32%	7,27%	22,46%
IFNC (setor financeiro)	12.123,55	-1,48%	-0,82%	18,24%	34,75%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,25	0,00%	0,00%	16,67%	200,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,77	-3,65%	-2,65%	7,68%	52,15%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,83	-5,65%	-0,12%	-1,10%	29,49%
Dollar Index	99,91	-2,31%	-2,91%	-3,49%	-7,95%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.505,42	2,42%	1,24%	17,34%	18,86%
Índice de ações de bancos – EUA	90,66	3,62%	4,60%	-20,54%	-13,45%
Índice Euro Stoxx 50	4.400,11	3,86%	0,02%	15,99%	29,54%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	109,35	3,56%	1,86%	14,07%	49,71%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	79,87	1,78%	6,64%	-7,03%	-19,40%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira